

Vai! <sup>I</sup> Sombra do meu lápis  
 escrevendo  
 Expõe meus sentimentos  
 rabiscados  
 Algo como um grito sufocado  
 Tenho sofrido um bocaco,  
 ultimamente...

Vá <sup>II</sup> em frente, rodopiando  
 entre erres e cedilhas  
 Compondo, odes, sonetos, redondilhas  
 Guiados por uma mão que  
 treme versos...

Como seta <sup>II</sup> que desliza, tens  
 por meta  
 Por no papel aquilo que enche  
 o poço  
 Da mente de um moço  
 trespucado  
 Que transido pela dor  
 desenha o sonho...

I

Estou como um jardim seco  
Do jardim daquela casa  
Sem perfume, sem cor...

II

Abandonaram a casa  
Ficou o ar e o jardim...  
E ~~agora~~ agora não sente mais  
~~sem~~ frescor d'água que  
chovia

Do regador da Maria:  
Uma flor de mulher, eu diria...

III

Hoje abandonado ~~este~~ <sup>como</sup> este jardim  
O poeta segue por uma rua que  
tem

Um jardim seco, sem vida  
Que murchou também  
Sem o amor da Maria Margarida...

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 04 Nº. Pág. 07

Visto

Para Carolina

Os seus olhos cor de mel  
Adocica o meu olhar  
Derrama mel nos meus olhos  
Toda vez que eles ~~me~~ <sup>me</sup> molham  
Me inebriando de luz...  
E que desaguando em mim  
~~me~~ Lágrimas doces me ~~molham~~  
molham..

7

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>04</u>	Nº. Pág. <u>08</u>
_____	
_____	

Meu amor, onde está você?!

Estou cheio de saudade

Saudade que não preenche

o Vazio

Que a sua ausência  
me dá

De presente, sem você presente...

Sem você presente.  
Ausente você me dá  
sua ausência de presente

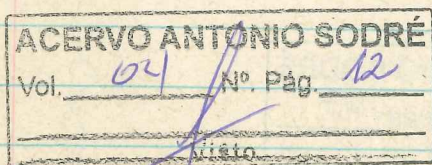
Aquele que não sabe  
e não sabe que não  
sabe é um tolo - afasta-  
-se dele.

Aquele que não sabe e  
que sabe que não sabe,  
é uma criança - ensine-o.

Aquele que sabe e não sabe  
que sabe, está adormecido -  
acorde-o.

Porém, aquele que sabe e sabe  
que sabe é um homem sábio -  
- segui-o...

(anônimo)



Minha cometa é uma  
pequena espada..!

Um golpe a cada  
palavra

Que traço no poema

Recortando sonhos..

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. 04	Nº. Pág. 14
Vista	

Um bainco de brilhantes  
É pois a lua minguante

Nessa noite de janeiro...

Nessa mesa de <sup>03</sup> velhos

Eu sou o mais novo deles...

O silêncio é um rio

A correr entre nós dois...

Na escuridão do abismo

Brilha nos olhos do cego

A mais radiante luz...

Com minha vassoura  
Salvei a barata  
Da gata  
Quem a mata  
Com a sua pata...

O silêncio é um rio  
A correr entre nós dois...

Enquanto andamos por essa  
rua deserta...

Um brinco de brilhante  
É pois, a lua minguante  
Nessa noite de janeiro  
Lua minguante

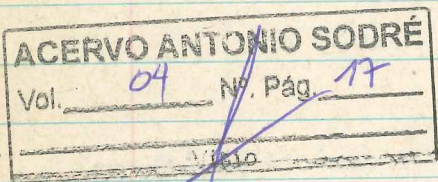
Brinco de brilhante  
Nessa noite de janeiro

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 04
Nº. Pág. 16
Visão

<sup>"Exdguas"  
Elesia fimebre</sup>  
Como era linda

A flor que murchoa!

O silêncio é um  
rio  
que corre  
entre  
nós  
deus.



O silêncio é um rio  
que corre entre nós deus!

É resplandecente resplandecente  
O olhar do cego  
Dentro de um abismo escuro.

a escrita.

O tempo passa rápido ligeiro  
num ambiente festivo.

A alegria é seu carro  
Puxados por mil cavalos  
Que tem asas ~~e~~ patas de vento.

~~na sombra~~

As vozes clamam aos céus,  
Escrevendo no horizonte  
Para o Grande Espírito que em nós  
as vive.

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. 04	Nº. Pág. 13
_____	
_____	

~

Sem voce presente  
Ganho só saudades  
De presente...

Com você presente  
Ganho você,  
De presente...

~

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. 04	Nº. Pág. 20
Data	

Água mole

Em pedra lisa

Ponto bate

Quanto alisa

Quanto

Antônia Sodré - a poeta da  
Transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>04</u>	Nº. Pág. <u>21</u>
Visto	

I  
"Jasmin seco"

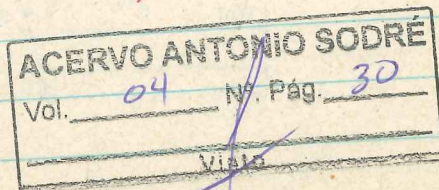
I  
Esteu como um jasmin seco  
Do jardim daquela casa,  
Sem perfume, sem cor, sem vida...

II  
Abandonaram a casa.  
Ficou refém do jardim.  
E ele, agora não sente mais  
O frescor da água que chevia  
Da regador da Maria Margarida...

III  
Hoje, abandonada como esse jardim  
A preta segue por uma rua que  
tem

Um jardim seco, sem vida  
Que morreu também  
Sem o amor da Maria Margarida...

Antônio Sodrê - a preta da transmutação



## I

Acordei sem coragem, hoje  
 Mas uma ordem me obriga  
 Que eu parta para lida,  
 Pois ainda <sup>est</sup> seu insuflado  
 Pela hálito da vida.

## II

Apre-se o ar nos pulmões  
 Como energia de vento  
 Vento universal que sopra  
 Para ~~os~~ manter de pé;  
 E toda que respira e geme;  
 E ~~os~~ infladas por esse sopro  
 Infinito  
 Já paramos, quando ele vai embora

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>04</u>	Nº Pág. <u>31</u>
Vista	

I

Acordei, sem coragem, hoje  
mas uma ordem me obriga  
que eu parte, para lá,  
Pois ainda estou inflado  
Pelo hálito da vida.

II

Sopra-se o ar nos pulmões  
Como energia de vento  
Vento universal que sopra  
Para manter-se de pé  
Buda que respira e geme.

III

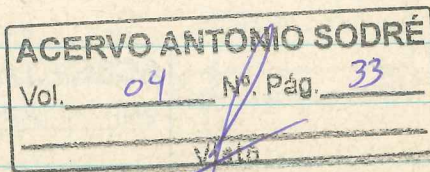
E pois, assim assofiados,  
Foi esse sopro infinito  
Só paramos, dando um grito:  
É quando ele vai embora  
Dando adeus à vida para  
Antonio Sodré - o poeta  
da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. 04	Nº. Pág. 32
Visto	

I  
Você me come vida  
Para dar uma metida:  
"Aproveita seu bobão,  
Enquanto estamos com vida  
Porque depois você sabe  
Defuntos não tem orgasmo..

II  
Falou assim com sarcasmo  
Dando uma risada gostosa  
Dizendo assim: toda vida:  
"Essa vida amargosa  
Só fica doce, bem doce  
Quando a gente trepa e goza"

Antônio Sodrê - o poeta da  
transmutação



O som de um martelo  
Na manhã ensolarada  
Que o carpinteiro executa  
Sem saber que é um artista  
Que de ~~a~~ sol a sol  
Que de sol em sol,  
Suando, ~~suando~~ <sup>faz soar</sup> uma canção  
Com um martelo na mão...

Fazendo <sup>pois</sup> ~~tremor~~ <sup>meu</sup> o ruído  
E também o coração  
Na melodia do dia-a-dia.

De um martelo agalopado...  
Antônio Sodré — o poeta da  
transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>64</u>	N.º Pág. <u>38</u>
Visto	